

JOÃO E. RABAÇA

As Aves do Jardim Gulbenkian

EDIÇÃO

Fundação Calouste Gulbenkian – Serviços Centrais

AUTOR

João Eduardo Rabaça

Departamento de Biologia & LabOr – Laboratório de Ornitologia, ICAAM – Instituto de Ciências Agrárias e Ambientais Mediterrânicas, Universidade de Évora (jrabaca@uevora.pt)

ILUSTRAÇÃO

Pedro Pereira – p. 58

FOTOGRAFIA

Diogo Oliveira

Luís Gomes (Faísca) – pp. 84 e 137

DESIGN

TVM designers

REVISÃO

Conceição Candeias

Rui Centeno

IMPRESSÃO

Norprint

TIRAGEM 750 exemplares

ISBN 978-989-97289-7-4

DEP. LEGAL 000000/16

CITAÇÃO RECOMENDADA

Rabaça, J.E. 2016. *As Aves do Jardim Gulbenkian*.

Ed. Fundação Calouste Gulbenkian – Serviços Centrais, Lisboa.

Fundação Calouste Gulbenkian
Av. de Berna, 45 A, 1067-001 Lisboa

gulbenkian.pt

© Fundação Calouste Gulbenkian

© Do texto, o autor; das fotografias, Diogo Oliveira e Luís Gomes (Faísca)

O respeito pelo parque foi um dos fatores mais valorizados pelo júri responsável pela seleção do projeto para a sede da Fundação Calouste Gulbenkian. Por este motivo, a área de construção veio a ocupar apenas 13% do terreno, numa clara demonstração de integração dos edifícios construídos com os jardins.

Para o acerto desta decisão, seguramente muito contribuiu a participação dos arquitetos paisagistas António Viana Barreto e Gonçalo Ribeiro Telles, cujo projeto incluía não apenas o estudo da evolução do parque, em especial no que se refere ao crescimento da vegetação e sua evolução no decorrer das estações, mas também o estudo da vida animal, nomeadamente a fauna natural, seu equilíbrio e proteção.

Estes estudos, e esta decisão, mostram que o Jardim foi entendido não como uma obra independente mas como parte integrante de uma estrutura mais vasta e complexa de «corredores ecológicos». A inclusão consciente deste espaço numa estrutura verde contínua permitiria potenciar a natural colonização, passagem ou permanência de muitas espécies espontâneas da fauna e contribuir para o reequilíbrio de um ecossistema com algum grau de artificialidade.

Numa época em que se desenhavam em Portugal jardins com uma linguagem muito marcada pelas imagens dos jardins clássicos, esta ideia de que o Jardim deveria ser acima de tudo um espaço potenciador da vida natural constituiu uma das maiores inovações do projeto.

Os registos da avifauna que foram sendo recolhidos, bem como o levantamento científico realizado em 2013, e do qual este livro resulta, evidenciam o progressivo aumento da biodiversidade de aves no Jardim Gulbenkian. Estes dados, além do interesse que poderão despertar junto das comunidades de ornitólogos, são um precioso indicador da saúde dos sistemas naturais que configuram este espaço, assim como da saúde da estrutura verde de uma cidade como Lisboa.

A Fundação Calouste Gulbenkian tem entre os seus objetivos a divulgação deste património que é o seu Jardim, e um dos meios para o concretizar é através da elaboração de levantamentos científicos da fauna e da flora que permitam documentar a dinâmica biológica do Jardim enquanto ecossistema.

João Eduardo Rabaça é um dos mais relevantes ornitólogos em Portugal. Biólogo, professor na Universidade de Évora e coordenador do Laboratório de Ornitologia da mesma instituição, sócio fundador da Sociedade Portuguesa para o Estudo das Aves, delegado nacional do European Bird Census Council, é autor de diversos atlas, livros e artigos científicos sobre avifauna. Como autor autorizado, não apenas apresenta neste livro a riqueza avifaunística do Jardim Gulbenkian, como também caracteriza cada espécie, fazendo uma interpretação do significado ecológico da sua presença neste espaço e das interações com ele estabelecidas. Esta abordagem faz deste livro muito mais do que um guia de aves, devolve-nos o olhar dos arquitetos paisagistas sobre este Jardim.

ARTUR SANTOS SILVA

AGRADECIMENTOS

A elaboração e redação desta obra foi um ato solitário e estimulante, como sucede com o exercício da escrita. Todavia, este livro não resultou de um episódio criativo fortuito, já que correspondeu a um dos indicadores de resultados mais expressivos do projeto «As Aves dos Jardins Gulbenkian: uma mais-valia natural», que submeti à Fundação Calouste Gulbenkian em abril de 2012.

Por este motivo, os agradecimentos que aqui expresso não são circunstanciais, na justa medida em que a concretização de *As Aves do Jardim Gulbenkian* só foi possível graças ao envolvimento empenhado e profícuo de muitas pessoas, que dessa forma viabilizaram o cumprimento de um dos desígnios do projeto: permitir que a avifauna que utiliza livremente o Jardim Gulbenkian possa acrescentar valor à fruição deste lugar de eleição de Lisboa.

Desde logo, manifesto o meu agradecimento ao Dr. Artur Santos Silva, presidente do Conselho de Administração da Fundação Calouste Gulbenkian, à Dr.^a Isabel Mota e ao professor doutor José Neves Adelino, administradores, por terem acreditado nas propostas que apresentei.

Ao Dr. António Repolho Correia, diretor dos Serviços Centrais, que desde a primeira hora acarinhou o projeto de uma forma muito empenhada.

Ao professor doutor Víriato Soromenho Marques, à Dr.^a Maria Hermínia Cabral e à minha colega professora doutora Aurora Carapinha, agradeço o estímulo inicial, que foi decisivo para a corporização do projeto.

À Dr.^a Maria João Botelho, diretora adjunta, à Dr.^a Susana Prudêncio e à Arq.^a paisagista Paula Côte-Real, coordenadora da equipa educativa do Jardim, agradeço a forma calorosa como sempre acolheram as minhas sugestões, bem como a sinalização que fizeram de novas ideias, que enriqueceram o trabalho desenvolvido e aquele que, desejavelmente, poderá ser trilhado no futuro.

Ao Eng.^o António Morgado Fonseca, responsável pela equipa do Jardim, e ao Arq.^o paisagista João Mateus, coordenador da obra de requalificação, muito agradeço o acolhimento entusiástico, os ensinamentos que me transmitiram e as horas passadas em interessantes (ainda que sempre

escassas...) conversas, que permitiram criar e consolidar uma relação de amizade e proximidade à volta do Jardim e das suas diversas valências. Ao Arq.º paisagista João Mateus agradeço também a simpatia de ter aceitado o meu convite para prefaciар este livro.

O apoio da *designer* da Fundação Mónica Teixeira e do Eng.º José Sena da Fonseca merece também o meu agradecimento. A Carlos Godinho, que comigo trabalha no LabOr – Laboratório de Ornitologia da Universidade de Évora, agradeço a preciosa ajuda, que tornou possível a realização da primeira sessão de anilhagem de aves no Jardim da Fundação. De igual modo, agradeço a Bárbara Afonso Pires, Diogo Oliveira e Rui Fazenda Lourenço as informações que prestaram sobre a avifauna do Jardim Gulbenkian.

A equipa de manutenção do Jardim e os seguranças que, de um modo subtil mas eficaz, zelam pelo lugar merecem também o meu reconhecimento. É graças ao trabalho que realizam que as diversas valências do Jardim despertam nos visitantes e frequentadores do Jardim as sensações de aprazimento que tantos têm testemunhado.

A Diogo Oliveira e a Luís Gomes (Faísca), muito agradeço as belíssimas fotos que tornam mais apelativa a obra que o leitor tem em mãos. A Pedro Pereira, agradeço a ilustração que propositadamente realizou para este livro. A Conceição Candeias e a Rui Centeno agradeço a meticulosa revisão da obra, e a Luís Moreira (TVM Designers) a sua conceção gráfica.

Os criadores deste oásis inspirador, António Viana Barreto e Gonçalo Ribeiro Telles, merecem naturalmente um agradecimento singular. É a dimensão naturalista que verteram na obra, e que tem sido mantida pela Fundação através de uma gestão cuidada ao longo de décadas, que potencia as virtudes do Jardim, amplamente reconhecidas pelos cidadãos.

Por último, uma palavra de apreço a todos os visitantes e frequentadores do Jardim Gulbenkian que reconhecem nas aves uma dimensão particularmente atrativa para a fruição deste lugar. São os destinatários preferenciais deste livro. Enquanto autor, o meu firme desejo é que aqui possam encontrar motivos de interesse para novas visitas, outras descobertas e o estímulo para a procura de mais conhecimento.

É também este o espírito do lugar...

JOÃO E. RABAÇA

Melodious birds sing madrigals.

William Shakespeare,
The Merry Wives of Windsor



Índice

Prefácio	13
Introdução	17
O Valor das Aves	23
A História Natural	27
Avifauna do Jardim Gulbenkian: caracterização geral	31
Fenologia	32
Riqueza específica	35
Categorias ecológicas	37
Classificação trófica	38
Traços da avifauna nos meios urbanos	40
A Dinâmica Sazonal	43
Um ciclo anual da avifauna no Jardim	45
Guia das Aves do Jardim Gulbenkian	55
A observação de aves	59
Elementos adicionais	62
As aves do Jardim Gulbenkian	66
Ordem dos Anseriformes	66
Ordem dos Ciconiiformes	70
Ordem dos Gruiformes	74
Ordem dos Charadriiformes	76
Ordem dos Columbiformes	78
Ordem dos Apodiformes	82
Ordem dos Coraciiformes	84
Ordem dos Piciformes	86
Ordem dos Psittaciformes	88
Ordem dos Passeriformes	90
Outras espécies...	144
Conclusão	147
Epílogo	151
Bibliografia	152
Notas e Observações	155



Prefácio

A Fundação Calouste Gulbenkian, consciente do património que possui e preserva, torna possível a publicação deste livro, que se revela extraordinariamente oportuno em face da curiosidade que o público ultimamente tem manifestado. Passada uma década sobre a comemoração do seu cinquentenário, a Fundação Calouste Gulbenkian constitui um exemplo para todo o país pela forma como assegura que este Jardim cumpra os seus desígnios, mercê da sua evolução dinâmica, sempre acompanhada de perto.

É igualmente importante salientar a manutenção do Jardim, uma missão de grande responsabilidade e responsabilização da equipa que garante, de forma preparada, todos os anos e a todos os públicos que nos visitam, o sossego, a harmonia e o encantamento que procuram neste Jardim.

São as boas práticas de uma rotina assente nas técnicas tradicionais, como evitar a aplicação de agroquímicos de síntese, em prol da ecologia, a recuperação quase diária de espaços e elementos degradados, que decorrem, em traços largos, da capacidade de carga há muito excedida, as operações anuais de coabitação e reequilíbrio de elementos dos estratos arbóreo e arbustivo em permanente evolução, a substituição, sempre que

necessário, dos elementos decrepitos ou em risco de colapso que ameacem a segurança de pessoas e bens. A estas contínuas tarefas, que permitem, por um lado, acompanhar a dinâmica evolutiva deste Jardim e, por outro, que estes continuem a patentear o conceito e o programa que os sustenta, acrescenta-se o reconhecimento que o público dirige à Fundação Calouste Gulbenkian.

O património vivo vem atingindo um grau de maturidade notável, aliás expresso pela ideia dos seus autores, e é neste contexto que, mais uma vez, é oportuno reconhecer e dar a conhecer o outro património vivo, que apesar de mais esquivo aqui habita e nos visita: as aves da Gulbenkian!

As aves da Gulbenkian são parte «interessada» no equilíbrio do ecossistema, e por isso são fortes indicadores ecológicos e tranquilizadores do nosso trabalho, que é assim validado pela sua presença. É neste contexto que a diversidade da avifauna no Jardim da Fundação Calouste Gulbenkian justifica o estudo que deu origem a esta publicação.

Gonçalo Ribeiro Telles sempre manifestou o seu desejo de ver concretizada esta publicação, por sentir que o Jardim teria atingido a sua ideia de projeto, por ele reforçada nas intervenções executadas na última década, em que fez proliferar os elementos de água em prol da estética e dos *pássaros de bico mole* – expressão muito própria que Gonçalo Ribeiro Telles costuma usar quando se refere às aves insetívoras.

As aves da Gulbenkian não são posse de ninguém, mas a sua presença e diversidade constituem um ótimo indicador da saúde do Jardim.

Gonçalo Ribeiro Telles tem afirmado que o Jardim da Fundação Calouste Gulbenkian é o inverneiro da cidade, um abrigo indispensável para as aves. As aves deste Jardim contribuem muito para o encantamento das pessoas que nos visitam, e, sabendo que estas aves não são posse de ninguém, maior se torna o fascínio, por nos apercebermos de que elas sentem o bom acolhimento, tal como nós.

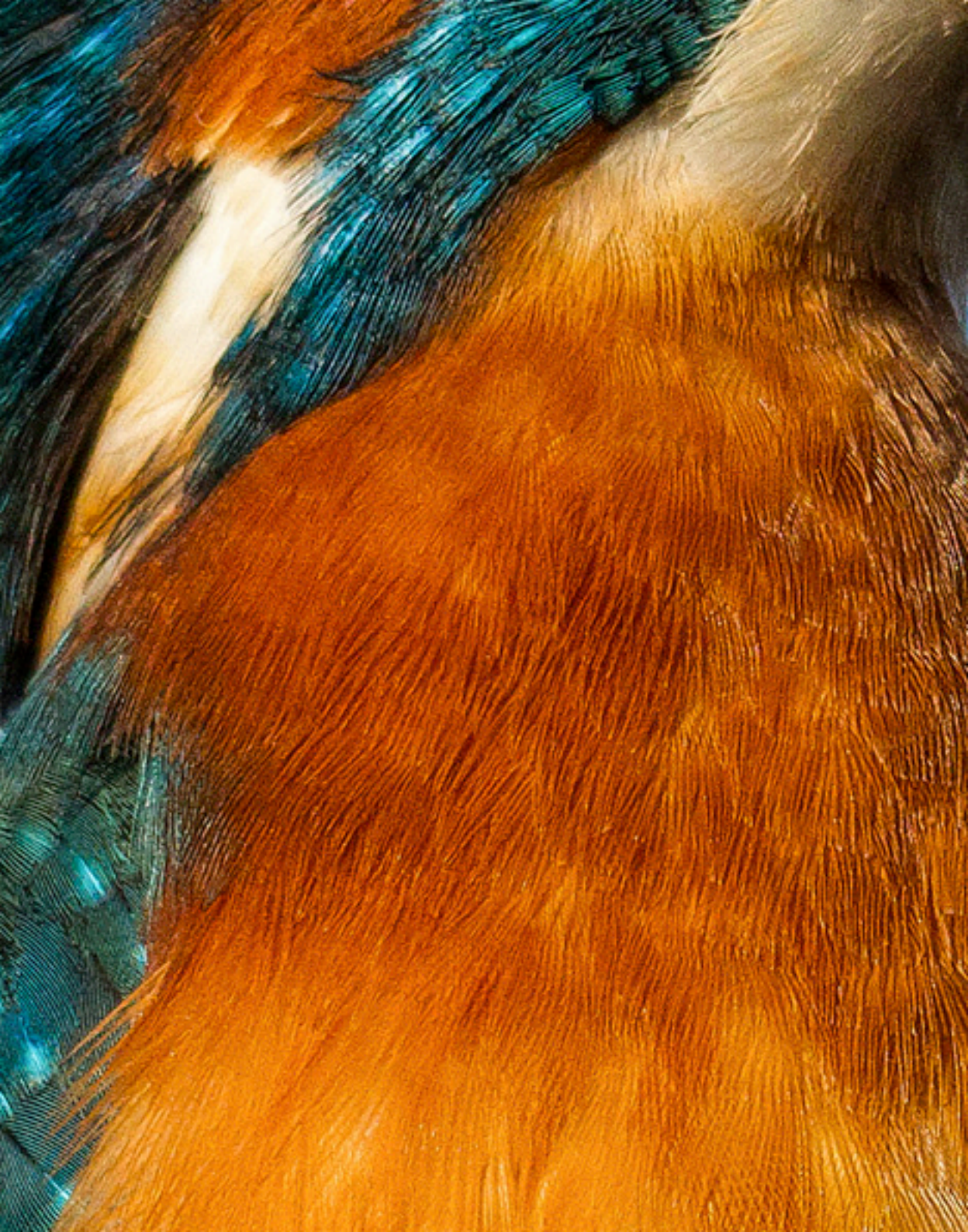
É no apaziguar da vida das pessoas que as aves do Jardim Gulbenkian têm um grande papel, sobretudo pelo seu canto, que anuncia a sua presença. Por isso, dar a conhecer o que construímos e preservamos é garantir a sua continuidade... as pessoas emocionam-se com o Jardim, e com o que lá «mora».

Esta publicação é mais do que um guia, é uma obra de grande abrangência, porque se dirige a todos os públicos, com uma cientificidade própria que enriquecerá o nosso conhecimento, seja por curiosidade cultural seja por eruditismo.

Embora um jardim seja, do ponto de vista ecológico, alvo do artifício do homem, o Jardim da Fundação Gulbenkian consegue concretizar-se num sistema ecológico em que a estética e a vida silvestre coabitam coerentemente, possibilitando uma boa gestão da biodiversidade, que, como afirma João E. Rabaça, «constitui o verdadeiro seguro de vida da nossa existência».

JOÃO MATEUS

Arquiteto paisagista



Introdução

O Jardim Gulbenkian tem um valor inestimável para a cidade de Lisboa. Esta importância advém da excelência do lugar criado por Gonçalo Ribeiro Telles e António Viana Barreto há cerca de meio século, mas também das ações de requalificação efetuadas ao longo da sua história e da coerência que a Fundação Calouste Gulbenkian tem procurado manter na sua gestão¹. Mais do que esculpir formas, Ribeiro Telles e Viana Barreto inventaram ambientes e espacialidades, ancorados em três elementos construtivos da paisagem natural: a mata, a clareia e a sebe. E o lago, evidentemente, que é um elemento estruturante de todo o conjunto: promove diálogos sensoriais, facilita a integração dos edifícios em harmonia e exalta a conceção naturalista vertida em toda a obra². Tais atributos conferem a este lugar um caráter singular no universo dos parques e jardins citadinos, amplamente reconhecido pelos seus visitantes, frequentadores e estudiosos.

¹ Não obstante, a construção do Centro de Arte Moderna, inaugurado em 1983, suscitou alguma controvérsia pelas alterações provocadas na matriz inicial do Jardim.

² Para uma profunda compreensão da história do Jardim Gulbenkian, aconselhamos a leitura da monografia: Carapinha, A. (coord.) 2006. *O Jardim*. Ed. Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa.

A fruição dos seus inúmeros atrativos reparte-se pelo valor cénico, pela continuidade do contacto com a cidade e a rua, mas também pelos recantos que o Jardim oferece. Ademais, o cuidado que houve na seleção das espécies vegetais, que criam volumes, rincões e corpos de água com margens naturalizadas, permitiu criar paisagens que nos convocam para uma outra dimensão da natureza, da sua poética e da sua dinâmica. E porque a dinâmica da paisagem é um dos sinais emblemáticos da natureza, se tivermos de nomear um traço indelével que ilustre a dinâmica temporal do Jardim Gulbenkian ele será certamente a sazonalidade.

Cada estação detém o seu próprio encanto, expresso num cortejo de sensações, cores e sonoridades. Mas a própria cadência da sucessão marca ritmos interessantes que podem ser percebidos em tempos diversos e de um modo distinto. Habitámo-nos a ler as alterações nas paisagens, impostas pela sucessão das estações, através da fenologia da vegetação, e todos nós crescemos a saber reconhecer o significado da explosão de cores e aromas primaveris e da miríade de tonalidades outonais. Sabemos, pois, interpretar esta realidade. Mas talvez passe despercebido a muitos de nós o efeito dos ritmos sazonais no património faunístico, com especial destaque para o grupo das aves.

Porquê realçar as aves num lugar com as características do Jardim Gulbenkian? Desde logo pela particular atração que o homem sempre sentiu por estes animais, de resto bem patente nos acervos culturais de inúmeras civilizações. Mas também porque constituem um grupo de vertebrados especialmente adequado para utilizar em iniciativas de sensibilização ambiental e para transmitir alguns conceitos nos domínios da biologia, da ecologia e do ordenamento do território. Mais: o recurso a jardins citadinos para expor temáticas relacionadas com o ambiente natural não só acrescenta valor à sua fruição, como oferece uma valiosa oportunidade para informar, formar e ensinar. Vejamos alguns exemplos:

- A sazonalidade é, como vimos, um dos traços mais marcantes das paisagens nas nossas latitudes. Mas a sucessão ao longo do ano das espécies de aves que ocorrem num dado local ensina-nos imenso, mesmo num ambiente urbano. Traduz, enfim, algo mais do que a mera substituição de entidades conforme o período fenológico em

questão: algumas espécies migram, outras apenas dispersam, muitas permanecem no local ao longo dos meses, e outras ocorrem em momentos muito precisos do ciclo anual. Toda esta dinâmica temporal reflete algo determinante na vida destes animais, e que se pode condensar numa palavra: adaptação.

- O período de reprodução constitui um momento crucial na vida de qualquer ser vivo. A reprodução é a forma de os indivíduos legarem os seus genes à geração seguinte, mas é também neste período que se projeta o futuro da população a que pertencem. E muito do sucesso ou insucesso dos eventos de reprodução depende, em parte, de um conjunto de fatores designados «ambientais»: disponibilidade de alimento, abrigo e local de reprodução, densidade de predadores, etc. No que respeita às aves, a generalidade das espécies terrestres que ocorrem nas regiões temperadas reproduz-se anualmente. E graças ao acantonamento territorial exibido pela maioria das espécies, o estudo da sua biologia durante este período do ano afigura-se facilitado quando comparado com a realidade sentida na investigação de outros vertebrados (como os mamíferos, por exemplo).
- As aves são, maioritariamente, animais muito conspícuos. Veem-se com relativa facilidade e ouvem-se ainda com mais frequência. Este extraordinário atributo permite que o exercício de observação e contagem de aves possa harmonizar a componente lúdica e muito sensorial dessa prática com a possibilidade de recolher informação padronizada e útil para estudos diversos. Por este motivo, o conhecimento existente sobre aves à escala global é muito superior ao de outros grupos animais, em boa medida graças à ação voluntária de milhares de observadores que, em todo o mundo, participam em programas de monitorização de âmbito regional, nacional ou continental.

Em síntese, as aves representam um grupo animal privilegiado para compreendermos o funcionamento dos ecossistemas e a valorização dos assuntos relacionados com o ambiente, especialmente a biodiversidade. Enquanto expressão da complexidade da vida na Terra, a biodiversidade,

ou diversidade biológica³, constitui o verdadeiro seguro de vida da nossa existência, mas a celeridade da sua redução nas últimas décadas constitui um dos maiores problemas do planeta⁴.

Apesar da toda esta relevância, os visitantes e frequentadores do Jardim Gulbenkian não dispunham até agora de informação de base sobre as aves que ocorrem em estado selvagem neste lugar de eleição da cidade de Lisboa. E preencher esta lacuna é justamente um dos objetivos deste livro.

Decidimos disponibilizar ao leitor uma obra que fosse mais do que um simples auxiliar de visita para fins ornitológicos. O livro cumpre esse propósito, mas não se esgota nesse destino: procurámos sinalizar, ainda que brevemente, outras dimensões, como o valor das aves em termos biológicos, culturais e sociais, alguns traços da sua história natural, bem como elementos que permitam uma caracterização sinicológica. E não descurámos a importância da ecologia urbana e o papel que o estudo das aves das cidades pode desempenhar para melhor compreendermos o funcionamento daquele ecossistema.

O universo de leitores que ambicionamos é vasto. Tão vasto quanto o dos visitantes e frequentadores da Fundação Gulbenkian, e em particular do seu Jardim. Ousámos transmitir uma leitura do cortejo avifaunístico que permita também ilustrar a dinâmica sazonal do lugar, para que em qualquer período do ano o leitor possa aqui encontrar a utilidade que pretende.

O livro não se destina a pessoas com formação e interesses comprovados nos domínios da zoologia e, em especial, da ornitologia. Mas tal não significa que este público mais especializado não possa nele encontrar elementos úteis. Norteou-nos o emprego de uma escrita clara e tanto quanto possível despojada de terminologia demasiado técnica. Uma abor-

3 O conceito de biodiversidade agrega a variedade de formas de vida existentes, a variabilidade genética de cada uma e a diversidade de ecossistemas.

4 Ciente da gravidade da situação, a ONU declarou 2010 como o «Ano Internacional da Biodiversidade». Mas fez mais: aproveitou o rasto e promoveu o período de 2011-2020 como a «Década da Biodiversidade». Desta forma, consolida o tema nas agendas e procura difundir conhecimento junto dos cidadãos – porque, em boa medida, só se compreende o que verdadeiramente se conhece.

dagem necessariamente leve, não exaustiva, mas que possa convocar no leitor o interesse pela aquisição de conhecimento adicional. Não obstante, foi-nos impossível evitar o uso de alguns termos e a referência a conceitos e temas que, porventura, poderão suscitar uma ou outra interrogação. Sabemos que nem sempre as notas de rodapé fornecem todas as respostas... mas acreditamos que uma ou outra dúvida irá estimular o leitor a procurar noutras leituras o prazer de conhecer a complexidade do mundo natural. E das aves em especial.

